ISSN: 2358-8829

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE LEITURA E DA IMAGINAÇÃO INFANTIL: A FERRAMENTA PRÁTICA NOS ANOS INICIAIS.

Maria Marta Lemos Ferreira [1]
Deysiane de Oliveira Montes [2]
Jane Cleide Gomes [3]
Crislaine Maria da Silva [4]

INTRODUÇÃO

A leitura ocupa lugar central na formação das crianças, não apenas por possibilitar o acesso aos conhecimentos produzidos socialmente, mas também por ampliar a capacidade de interpretar, imaginar, questionar e atribuir sentidos às experiências vividas. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o trabalho com a leitura precisa ultrapassar a compreensão da atividade leitora como simples decodificação, favorecendo situações em que as crianças possam ouvir, ler, conversar sobre textos, levantar hipóteses, antecipar acontecimentos, recontar narrativas e produzir sentidos a partir da linguagem verbal e não verbal. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a leitura/escuta como prática de linguagem e destaca, nos anos iniciais, a ampliação do letramento e a progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de complexidade crescente (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, a contação de histórias constitui uma prática pedagógica especialmente potente, pois articula oralidade, escuta, literatura, interação e imaginação. Antes mesmo de dominar plenamente o sistema de escrita, a criança pode participar de experiências literárias por meio da escuta de narrativas, da observação das ilustrações, da conversa sobre personagens e acontecimentos e da criação de interpretações próprias. A própria BNCC considera que, na infância, a mediação do adulto pode ser decisiva

[1] Graduada no Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional; Gestão Escolar, Supervisão e Orientação Pedagógica e Educacional pela Faculdade Líbano, marta.lemos@edu.bezerros.pe.gov.br;
[2] Graduanda no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, deysianeoliveira2410@gmail.com;
[3] Psicopedagogia clínica e institucional Faveni, jane.gomes76ge@gmail.com;
[4] Doutoranda em Ensino das Ciências e Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, crislaine.maria@ufrpe.br

ISSN: 2358-8829

para o acesso aos repertórios da cultura literária escrita e que a criança pode construir sentidos inclusive a partir de imagens (BRASIL, 2018).

A contação de histórias, portanto, não deve ser entendida apenas como um momento recreativo ou como uma estratégia utilizada para preencher o tempo escolar. Quando planejada com intencionalidade pedagógica, pode constituir uma ferramenta de mediação entre a criança e o texto literário, aproximando o estudante do universo da leitura e criando condições para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da escuta atenta, da expressão oral e da participação. Abramovich (1997) destaca a importância de ouvir histórias para a formação da criança, enquanto Coelho (2000) compreende a literatura infantil como uma experiência que dialoga com o imaginário e com a descoberta do mundo.

A relevância deste estudo está relacionada à necessidade de pensar práticas de leitura que sejam significativas para as crianças dos anos iniciais e que valorizem a literatura como experiência estética, cultural e formativa. Em muitas situações escolares, a leitura literária acaba subordinada a exercícios de identificação de informações, vocabulário ou aspectos gramaticais. Embora essas atividades possam ter lugar no processo educativo, o texto literário também precisa ser vivenciado como espaço de fruição, diálogo, sensibilidade e construção de sentidos. Assim, discutir a contação de histórias como recurso pedagógico significa refletir sobre possibilidades de aproximar a criança do livro e da leitura sem retirar da literatura sua dimensão de encantamento.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a contação de histórias como recurso pedagógico para favorecer o processo de leitura e o desenvolvimento da imaginação infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como objetivos específicos, busca-se: compreender a relação entre literatura infantil, leitura e imaginação; identificar contribuições da contação de histórias para a formação do leitor; discutir aspectos necessários ao planejamento dessa prática; e apresentar possibilidades de utilização da contação de histórias como ferramenta pedagógica articulada a atividades de escuta, leitura, oralidade, reconto e produção de sentidos.

Para alcançar esses objetivos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamentada em livros, documentos oficiais e produções acadêmicas relacionadas à literatura infantil, leitura, contação de histórias e práticas pedagógicas nos anos iniciais. A análise buscou aproximar os

fundamentos teóricos das possibilidades concretas de trabalho docente, sem apresentar dados de uma intervenção de campo específica. Os resultados da discussão indicam que a contação de histórias pode favorecer o interesse pela leitura, a participação, a imaginação criadora e o desenvolvimento linguístico, especialmente quando há planejamento, escolha adequada das obras, mediação sensível e continuidade das experiências leitoras. Conclui-se que contar histórias é uma prática simples em seus recursos, mas complexa em suas possibilidades formativas, podendo ocupar lugar significativo na rotina dos anos iniciais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratória. A opção por esse percurso metodológico decorre do objetivo de compreender, a partir da literatura acadêmica e de documentos educacionais, de que modo a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da imaginação infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa bibliográfica permite reunir e analisar contribuições de diferentes autores, identificando aproximações, ênfases e possibilidades pedagógicas relacionadas ao objeto de estudo.

O levantamento considerou como eixos de análise: literatura infantil e formação do leitor; leitura como prática social e cultural; imaginação e desenvolvimento infantil; contação de histórias como prática de oralidade e mediação; e planejamento pedagógico da leitura literária. Foram utilizados como referências documentos oficiais, especialmente a Base Nacional Comum Curricular, livros de autores reconhecidos na área e artigos científicos que discutem experiências e fundamentos da contação de histórias em contextos escolares.

A análise do material foi realizada por meio de leitura interpretativa e organização temática das contribuições encontradas. Em um primeiro momento, foram identificados conceitos recorrentes; em seguida, esses conceitos foram agrupados em categorias relacionadas aos objetivos da pesquisa. Por fim, realizou-se uma discussão articulando os fundamentos teóricos às possibilidades de intervenção pedagógica. Dessa maneira, os resultados apresentados a seguir representam uma síntese interpretativa da

ISSN: 2358-8829

literatura consultada e não devem ser compreendidos como resultados estatísticos ou como evidências de uma intervenção específica.

A escolha dessa metodologia também permite destacar que uma prática pedagógica não se torna significativa apenas pelo uso de uma determinada técnica. A contação de histórias produz diferentes efeitos conforme o contexto, a seleção da obra, a postura do professor, a participação das crianças e as atividades que se desenvolvem antes, durante e depois da narrativa. Por isso, a análise considera a contação de histórias como uma prática situada, que precisa ser planejada de acordo com os objetivos de aprendizagem e com as características do grupo.

REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Literatura infantil, leitura e formação do leitor

A literatura infantil apresenta potencial formativo porque coloca a criança em contato com diferentes modos de representar a realidade, construir personagens, organizar acontecimentos e expressar sentimentos. Coelho (2000) destaca a relação da literatura infantil com o imaginário e com a descoberta da vida, evidenciando que a experiência literária não se limita à transmissão de conteúdos. Ao entrar em contato com histórias, a criança encontra situações, conflitos e personagens que podem ampliar sua percepção sobre si mesma, sobre o outro e sobre o mundo.

Essa perspectiva é importante para o trabalho nos anos iniciais, período em que a criança desenvolve progressivamente maior autonomia leitora. A BNCC estabelece que, nesse segmento, as experiências com a língua oral e escrita são aprofundadas e que o eixo Leitura/Escuta deve ampliar o letramento por meio da incorporação progressiva de estratégias de leitura em textos de complexidade crescente (BRASIL, 2018). Assim, ouvir histórias não é uma atividade desconectada da aprendizagem da leitura; ao contrário, pode integrar um conjunto de práticas que criam repertório e atribuem significado ao ato de ler.

A leitura, nesse sentido, envolve muito mais que reconhecer palavras. Freire (1988) contribui para uma compreensão ampliada do ato de ler ao relacioná-lo à leitura do mundo, isto é, à capacidade de interpretar experiências, relações e contextos. Quando a criança ouve uma história e conversa sobre suas personagens, acontecimentos e possibilidades, ela também aprende a formular interpretações e a confrontar diferentes

ISSN: 2358-8829

pontos de vista. A leitura literária pode, portanto, contribuir para a construção de uma postura ativa diante do texto.

Para que isso aconteça, o professor exerce importante papel de mediador. A criança não precisa permanecer em silêncio diante da história para demonstrar que aprendeu. Perguntas abertas, comentários, antecipações, recontos, dramatizações e produções artísticas podem revelar diferentes formas de compreensão. O professor pode estimular a participação sem transformar toda narrativa em uma sequência de perguntas avaliativas. É necessário preservar também o espaço para o encantamento e para a fruição.

A formação do leitor depende de experiências reiteradas e significativas. Uma única contação de história pode despertar interesse, mas é a continuidade do contato com livros, autores, gêneros, personagens e modos de leitura que amplia o repertório. Nesse aspecto, a escola ocupa papel relevante, sobretudo para crianças que nem sempre dispõem, fora dela, de acesso regular a livros e práticas leitoras.

3.2 A imaginação infantil como dimensão da aprendizagem

A imaginação é uma dimensão essencial da experiência infantil. Ao imaginar, a criança combina elementos conhecidos, cria possibilidades, atribui novos significados a situações e experimenta diferentes papéis. No contato com histórias, essa capacidade pode ser mobilizada de diversas formas: ao antecipar o final, imaginar a aparência de uma personagem, supor o que aconteceria em outra situação, criar diálogos ou inventar novos desfechos.

A literatura favorece esse movimento porque não apresenta respostas únicas para todas as situações. Narrativas, poemas e livros de imagem oferecem lacunas que podem ser preenchidas pelo leitor. A criança participa da construção do sentido quando relaciona o que ouve ou lê às suas experiências, conhecimentos e expectativas. A imaginação, portanto, não se opõe à aprendizagem; ela pode funcionar como uma das formas pelas quais a criança compreende, interpreta e recria o mundo.

Nesse processo, a oralidade assume papel significativo. Contar e ouvir histórias são práticas humanas antigas que permitem compartilhar memórias, valores, experiências e formas de compreender a realidade. Na escola, a valorização da oralidade possibilita que as crianças se expressem, escutem os colegas e aprendam a organizar narrativas. Silveira (2008) aponta contribuições da contação de histórias para o

imaginário infantil, o enriquecimento do vocabulário, a interação social e o auxílio à leitura e à escrita.

A imaginação também pode ser estimulada quando o professor utiliza recursos expressivos, como diferentes entonações de voz, pausas, gestos, expressões faciais e objetos cênicos. Entretanto, os recursos não devem ocupar o lugar da narrativa. Seu uso precisa estar a serviço da história e da participação infantil. Em determinadas situações, uma leitura expressiva com poucos recursos pode produzir mais envolvimento do que uma apresentação excessivamente elaborada.

3.3 A contação de histórias como prática de mediação

Contar histórias é uma prática de mediação porque aproxima a criança do texto por meio da voz, da presença e da interação. A história contada não elimina o livro; ao contrário, pode despertar a curiosidade para que a criança posteriormente procure a obra, observe suas ilustrações e tente lê-la de forma autônoma. Por isso, é importante que o professor apresente o livro, fale sobre o autor e o ilustrador quando pertinente, explore a capa e permita que as crianças formulem hipóteses antes da leitura.

Oliveira e Scherer Júnior (2019), ao analisarem a contação de histórias no primeiro ano do Ensino Fundamental, destacam que o planejamento prévio favorece e potencializa as possibilidades da atividade, inclusive no estímulo à leitura. Essa constatação reforça que contar histórias exige intencionalidade. O professor precisa conhecer a obra, pensar na forma de apresentá-la e definir quais experiências poderão ser realizadas posteriormente, respeitando, entretanto, o direito da criança à fruição.

A contação pode ser organizada em três momentos. Antes da história, o professor pode criar expectativas, apresentar o livro, observar a capa, conversar sobre o título e levantar hipóteses. Durante a narrativa, pode utilizar pausas estratégicas, variações de voz e momentos de escuta atenta, evitando interromper excessivamente a experiência. Depois da história, pode promover conversa, reconto, dramatização, desenho, escrita, produção coletiva ou outras formas de resposta ao texto.

Essa organização não deve ser compreendida como roteiro rígido. Cada obra pede uma forma de mediação. Uma narrativa curta pode ser contada integralmente sem interrupções; um conto mais longo pode ser dividido em capítulos; um livro de imagens pode exigir maior tempo de observação; uma poesia pode convidar à leitura em voz alta e à exploração de ritmo e sonoridade. A competência docente está em perceber as

ISSN: 2358-8829

características da obra e criar condições para que as crianças participem de maneira significativa

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura consultada permitiu identificar quatro resultados principais: a contação de histórias favorece a aproximação com a leitura; amplia possibilidades de imaginação e expressão; contribui para o desenvolvimento da linguagem oral e da interação; e apresenta maior potencial pedagógico quando é planejada como parte de uma sequência contínua de experiências literárias.

O primeiro resultado refere-se à formação do leitor. As pesquisas e reflexões analisadas apontam que o contato mediado com histórias pode despertar interesse, curiosidade e prazer pela leitura. Souza e Porto (2021) discutem a contação de histórias como recurso para formação de leitores nos anos iniciais e destacam a necessidade de propor práticas leitoras que estimulem a compreensão e ampliem a visão de mundo. Isso significa que a contação pode funcionar como porta de entrada para outras experiências, como empréstimo de livros, leitura compartilhada, reconto e produção de narrativas.

O segundo resultado está relacionado à imaginação. Ao ouvir histórias, a criança constrói imagens mentais, antecipa acontecimentos e reelabora situações narradas. Santos e Cardoso (2024), ao discutirem uma experiência em escola dos anos iniciais, relacionam a contação de histórias à potencialização do imaginário infantil e evidenciam também desafios enfrentados no cotidiano escolar. Isso reforça a ideia de que a imaginação precisa ser assumida como componente legítimo do trabalho pedagógico, e não como atividade secundária.

O terceiro resultado diz respeito à linguagem. A contação proporciona situações de escuta, fala, reconto e ampliação de vocabulário. Em pesquisa realizada com turmas de primeiro ano, os resultados apontaram contribuições significativas para a interação e o desenvolvimento da competência linguística, além de favorecer a capacidade de ouvir, participar, recontar e se expressar. Dessa maneira, a prática pode articular oralidade e leitura, criando oportunidades para que a criança organize e expanda seus modos de expressão.

O quarto resultado é a importância do planejamento. A contação de histórias não precisa de equipamentos sofisticados para acontecer, mas exige escolhas pedagógicas. A

ISSN: 2358-8829

seleção da obra deve considerar qualidade literária, faixa etária, interesses das crianças, diversidade de personagens e contextos e possibilidade de identificação ou estranhamento produtivo. O professor também precisa considerar o tempo disponível, o espaço, a forma de apresentação e as possibilidades de continuidade.

Um aspecto importante identificado na discussão é o risco de transformar a literatura em mero instrumento para ensinar conteúdos. Uma história sobre amizade, por exemplo, pode gerar conversa sobre convivência, mas não precisa ser reduzida a uma 'lição' sobre amizade. O texto literário possui valor em si mesmo e pode provocar emoções, dúvidas e interpretações que não estavam previstas. A mediação docente deve favorecer o diálogo com a obra sem limitar antecipadamente os sentidos possíveis.

Outro ponto diz respeito à participação infantil. Em uma prática centrada apenas na voz do professor, a criança pode permanecer como receptora passiva. Por isso, é recomendável criar situações em que os estudantes possam recontar, inventar, dramatizar, desenhar, escrever ou conversar sobre as narrativas. Essas ações tornam visível o modo como cada criança compreendeu e recriou a história.

A contação também pode ser integrada ao processo de alfabetização sem perder seu caráter literário. Nos primeiros anos, por exemplo, depois de ouvir uma narrativa, as crianças podem localizar o título, reconhecer nomes de personagens, observar palavras recorrentes, produzir listas relacionadas à história, escrever pequenos trechos ou elaborar coletivamente um reconto. Tais atividades precisam ser planejadas de modo que o trabalho com o sistema de escrita esteja articulado a uma situação significativa de uso da linguagem.

A BNCC contribui para essa compreensão ao apresentar, para os anos iniciais, práticas de linguagem que articulam leitura/escuta, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. O documento também estabelece a formação do leitor como objeto de conhecimento nos primeiros anos, o que reforça a necessidade de experiências literárias diversificadas (BRASIL, 2018). A contação de histórias pode, assim, integrar um ambiente alfabetizador no qual a criança escuta textos literários, observa usos da escrita, fala sobre o que compreendeu e gradualmente amplia sua autonomia.

A discussão permite ainda destacar que a prática pode assumir diferentes formatos: contação pelo professor; leitura em voz alta; contação com objetos; teatro de fantoches; reconto pelas crianças; leitura de imagens; histórias em capítulos; rodas

ISSN: 2358-8829

literárias; e produção coletiva de finais alternativos. A diversidade de modalidades evita a repetição mecânica e possibilita que diferentes crianças encontrem maneiras de participar.

Apesar de suas potencialidades, a contação de histórias enfrenta desafios. Entre eles estão a falta de tempo destinado à leitura literária, o acervo limitado, a formação insuficiente para mediação de literatura e a tendência de escolarizar excessivamente os textos. Também podem surgir dificuldades relacionadas à atenção do grupo e à organização do espaço. Tais desafios não anulam a prática; indicam a necessidade de planejamento institucional, formação docente e valorização da biblioteca e dos acervos literários.

Desse modo, os resultados desta revisão não apontam para a contação de histórias como uma solução isolada para as dificuldades de leitura. Ela deve ser compreendida como uma estratégia integrada a um conjunto mais amplo de práticas de leitura, escrita e oralidade. Seu diferencial está na capacidade de combinar linguagem, afetividade, interação e imaginação em uma experiência que pode aproximar a criança do livro e do universo literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu compreender que a contação de histórias pode constituir importante recurso pedagógico no processo de leitura e no desenvolvimento da imaginação infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Seu potencial não está apenas no fato de tornar a aula mais agradável, mas na possibilidade de criar uma experiência de linguagem em que a criança escuta, interpreta, imagina, fala, reconta e gradualmente se aproxima do universo da leitura autônoma.

Os estudos analisados indicam que a prática pode contribuir para a formação do leitor, para o desenvolvimento da linguagem oral, para a interação e para a criatividade. Entretanto, tais contribuições dependem da forma como a atividade é organizada. Contar histórias de maneira planejada, escolher obras literárias de qualidade, respeitar a participação das crianças e garantir continuidade são aspectos fundamentais para que a prática não se reduza a uma atividade ocasional.

Conclui-se, portanto, que a contação de histórias pode ser compreendida como ferramenta prática e acessível, capaz de articular alfabetização, letramento, literatura,

oralidade e imaginação. Seu uso nos anos iniciais deve preservar o caráter estético e prazeroso da literatura, ao mesmo tempo em que reconhece as oportunidades de aprendizagem que surgem do contato significativo com as narrativas.

Como síntese final, destaca-se que formar leitores não significa apenas ensinar crianças a decodificar palavras, mas criar condições para que elas desejem ler, compreendam o que leem, dialoguem com diferentes textos e reconheçam a leitura como experiência de descoberta e participação no mundo. Nesse percurso, a voz de quem conta uma história pode funcionar como uma ponte entre a criança, o livro e a imaginação, abrindo caminhos para que o leitor em formação se torne progressivamente autor de suas próprias interpretações.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

OLIVEIRA, Samantha Aniceto de; SCHERER JÚNIOR, Claudio Roberto Antunes. **A contação de histórias no ensino fundamental: fundamentos e planejamentos.** Cadernos da Pedagogia, São Carlos, v. 13, n. 25, 2019.

SANTOS, Ananda Vieira dos; CARDOSO, Marilete Calegari. **Contar, recontar e encantar: a contação de histórias em uma escola dos anos iniciais do município de Maracás** - Bahia. Revista CHO - Contação de Histórias e Oralidade, 2024.

SILVEIRA, Bianca Farias da. **Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico!** Prolíngua, v. 2, n. 2, 2008.

SOUZA, Neide Figueiredo de; PORTO, Luana Teixeira. **A contação de história como recurso para a formação de leitores: práticas leitoras para os anos iniciais do ensino fundamental.** Revista de Ciências Humanas, v. 22, 2021.